

Fonte:

PENA, Martins. *Os Irmãos das Almas*. Rio de Janeiro : Ediouro, 1968. p. 275-299 (Antologia).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Andréa Massamy Matsunaga

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível

OS IRMÃOS DAS ALMAS

Martins Pena

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

MARIANA, mãe de

EUFRÁSIA.

LUÍSA, irmã de

JORGE, marido de Eufrásia.

TIBÚRCIO, amante de Luísa.

SOUSA, irmão das almas.

FELISBERTO.

Um irmão das almas.

Um cabo de Permanentes.

Quatro soldados.

(A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1844, no dia de Finados.)

Ato Único

Sala com cadeiras e mesa. Porta no fundo e à direita; à esquerda um armário grande. Durante todo o tempo da representação, ouvem-se ao longe dobres fúnebres.

Cena I

Luísa, *sentada em uma cadeira junto à mesa* – Não é possível viver assim muito tempo! Sofrer e calar é minha vida. Já não posso! (*Levanta-se.*) Sei que sou pesada a D. Mariana e que minha cunhada não me vê com bons olhos, mas quem tem culpa de tudo isto é o mano Jorge. Quem o mandou casar-se, e vir para a companhia de sua sogra? Pobre irmão; como tem pago essa loucura! Eu já podia estar livre de tudo isto, se não fosse o maldito segredo que descobri. Antes não soubesse de nada!

Cena II

Eufrásia e Luísa

Eufrásia, *entrando vestida de preto como quem vai visitar igrejas em dia de Finados* – Luísa, tu não queres ir ver os finados?

Luísa – Não posso, estou incomodada. Quero ficar em casa.

Eufrásia – Fazes mal. Dizem que este ano há muitas caixinhas e urnas em S. Francisco e no Carmo, e além disso, o dia está bonito e haverá muita gente.

Luísa – Sei o que perco. Bem quisera ouvir uma missa por alma de minha mãe e de meu pai, mas não posso.

Eufrásia – Missas não hei-de eu ouvir hoje; missas em dia de Finados é maçada. Logo três! O que eu gosto é de ver as caixinhas dos ossos. Há agora muito luxo.

Luísa – Mal empregado.

Eufrásia – Por quê? Cada um trata os seus defuntos como pode.

Luísa – Mas nem todos os choram.

Eufrásia – Chorar? E para que serve chorar? Não lhes dá vida.

Luísa – E que lhes dão as ricas urnas?

Eufrásia – O que lhes dão? Nada; mas ao menos fala-se nos parentes que as mandam fazer.

Luísa – E isso é uma grande consolação para os defuntos...

Eufrásia – Não sei se é ou não consolação para os defuntos, mas posso-te afirmar que é divertimento para os vivos. Vai-te vestir e vamos.

Luísa – Já te disse que não posso.

Eufrásia – Luísa, tu és muito velhaca!

Luísa – E por quê?

Eufrásia – Queres ficar em casa para veres o teu namorado passar. Mas não sejas tola; vai à igreja, que lá é que se namora bem no aperto.

Luísa, *com tristeza* – Já lá se foi esse bom tempo de namoro!

Eufrásia – Grande novidade! Brigaste com o teu apaixonado?

Luísa – Não; mas depois do que soube, não devo mais vê-lo.

Eufrásia – E o que soubeste então?

Luísa – Que ele era... Até não me atrevo a dizê-lo.

Eufrásia – Assustas-me!

Luísa – Considera a coisa mais horrorosa que pode ser um homem.

Eufrásia – Ladrão?

Luísa – Pior.

Eufrásia – Assassino?

Luísa – Ainda pior.

Eufrásia – Ainda pior que assassino? Rebelde?

Luísa – Muito pior!

Eufrásia – Muito pior que rebelde? Não sei o que seja.

Luísa – Não sabes? (*Com mistério.*) Pedreiro-livre!

Eufrásia – Pedreiro-livre? Santo breve da marca! Homem que fala com o diabo à meia-noite! (*Benze-se.*)

Luísa – Se fosse só falar com o diabo! Tua mãe diz que todos os que para eles se chegam ficam excomungados, e que antes quisera ver a peste em casa do que um pedreiro-livre. (*Benze-se; o mesmo faz Eufrásia.*) Não, não! Antes quero viver toda a minha vida de favores e acabrunhada, do que casar-me com um pedreiro-livre. (*Benze-se.*)

Eufrásia – Tens razão. Eu tenho-lhes um medo de morte; e minha mãe quando os vê, fica tão fora de si que faz desatinos. Ora, quem havia dizer que o Sr. Tibúrcio era também da panelinha!

Luísa – Eu seria tão feliz com ele, se não fosse isso!...

Eufrásia – Também... Perdes um marido; pouco perdes... Para que serve um marido?

Luísa – Para que serve um marido? Boa pergunta! Para muitas coisas.

Eufrásia – Sim, para muitas coisas más.

Luísa – Dizes isso porque já estás casada.

Eufrásia – Essa é que é a desgraça: não termos medo ao burro, senão depois do couce. Um marido! Sabes tu o que é um marido? É um animal exigente, impertinente, insuportável... A mulher que quiser viver bem com o seu, faça o que eu faço: bata o pé, grite mais do que ele, caia em desmaio, ralhe e quebre os trastes. Humilhar-se? Coitada da que se humilha! Então são eles leões. O meu homem será sendeiro toda sua vida... E se hás-de ter o trabalho de ensinares a esses animais, é melhor que não te cases.

Luísa – Isso é bom de se dizer...

Eufrásia – E de se fazer. Vou acabar de me vestir. (*Sai.*)

Cena III

Luísa e depois Jorge

Luísa, só – Pobre Jorge; com quem te foste casar! Como esta mulher te faz infeliz! Pedreiro-livre!... Quem o dissera! (*Entra Jorge vestido com opa verde de irmão das almas; traz na mão uma bacia de prata com dinheiro, ovos e bananas. Logo que entra, põe a bacia sobre a mesa.*)

Jorge, entrando – Adeus, mana Luísa.

Luísa – Já de volta?

Jorge – A colheita hoje é boa. É preciso esvaziar a salva. (*Faz o que diz.*) Guarda metade deste dinheiro antes que minha mulher o veja, que tudo é pouco para ela; e faze-me destes ovos uma fritada e dá estas bananas ao macaco.

Luísa – Tenho tanta repugnância de servir-me deste dinheiro...

Jorge – Por quê?

Luísa – Dinheiro de esmolas que pedes para as almas...

Jorge – E então o que tem disso? É verdade que peço para as almas, mas nós também não temos alma? Negar que a temos é ir contra a religião, e além disso, já lá deixei dous cruzados para se dizer missas para as outras almas. É bem que todas se salvem.

Luísa – Duvido que assim a tua se salve.

Jorge – Deixa-te de asneiras! Pois pensas que por alguns miseráveis dous vinténs, que já foram quatro, (*pega em uma moeda de dous vinténs:*) – olha, aqui está o carimbo... – um pai de família vá para o inferno? Ora! Supõe que amanhã afincam outro carimbo deste lado. Não desaparecem os dous vinténs e eu também não fico logrado? Nada, antes que me logrem, logro eu. E demais, tirar esmolas para almas e para os santos é um dos melhores e mais cómodos ofícios que eu conheço. Os santos sempre são credores que não falam... Tenho seis opas para os seis dias da semana; aqui as tenho. (*Vai ao armário e tira seis opas.*) No domingo descanso. Preferi tê-las minhas – é mais seguro; não dou satisfação a tesoureiro nenhum. Às segundas-feiras visto esta verde que tenho no corpo; às terças, esta roxa; às quartas, esta branca; às quintas, esta encarnada; às sextas, esta roxa e branca e aos sábados esta azul.

Luísa – E não entregas dinheiro nenhum para os santos?

Jorge – Nada, o santo destas opas sou eu. Não tenho descanso, mas também o lucro não é mau.

Luísa – O lucro... Aquele pobre velho que morava defronte do paredão da Glória também pedia esmolas para os santos, e morreu à míngua.

Jorge – Minha rica, o fazer as coisas não é nada; o sabê-las fazer é que é tudo. O carola experiente deve conhecer as ruas por que anda, as casas em que entra e as portas a que bate. Ruas há em que se não pilha um real – essas são as da gente rica, civilizada e de bom-tom, que, ou nos conhecem, ou pouco se lhe dá que os santos se alumiem com velas de cera ou de sebo, ou mesmo que estejam às escuras. Enfim, pessoas que

pensam que quando se tem dinheiro não se precisa de religião. Por essas ruas não passo eu. Falem-me dos becos aonde vive a gente pobre, das casas de rótulas, das quitadeiras; aí sim, é que a pipineira é grossa! (*Vai guardar as opas.*) Tenho aprendido à minha custa!

Luísa, *sorrindo-se* – À custa dos tolos, deves dizer.

Jorge – E quem os manda serem tolos? Mas, ah, neste mundo nem tudo são rosas. Eu vivia tão bem e tão feliz, e por desconto dos meus pecados dei a mais reverente das cabeçadas!

Luísa – Qual cabeçada?

Jorge – O casar-me. Ah, minha filha, o casamento é uma cabeçada que deixa o homem atordoado por toda a vida, se o não mata. Se eu soubesse...

Luísa – Agora é tarde o arrependimento; queixa-te de ti.

Jorge – Que queres? Um dia mete-se o diabo nas tripas de um homem e ei-lo casado. Ainda alguns são felizes, mas eu fui mesmo desgraçadíssimo! Esbarrei-me de focinhos! Encontrei com uma mulher linguaruda, preguiçosa, desavergonhada e atrevida... E para maior infelicidade, vim viver com minha sogra, que é um demônio; leva todo o dia a atçar a filha contra mim. Vivo num tormento.

Luísa – Eu bem o vejo.

Jorge – Quando a roda principia a desandar, é assim. Dous meses depois de eu estar casado, morreu nossa mãe e tu te viste obrigada a vires para minha companhia, para aturares estas duas víboras. Ah, suportar uma mulher é um castigo, mas aturar também uma sogra é... nem eu sei o que seja!... É uma injustiça que Deus nos faz. E quando elas têm um conselheiro e compadre da laia do nosso vizinho Sousa... Isso... (*Dá estalos com os dedos.*)

Luísa – Dizes bem, Jorge, esse nosso vizinho é uma das causas do estado desgraçado em que vives com tua mulher, pelos conselhos que lhe dá.

Jorge – Velho infernal, mexeriqueiro baboso! Não te poder eu correr com um pau pela porta fora! Mas ainda isto não é o maior infortúnio... Olha, Luísa, há coisas que um marido, por mais prudente que seja, não pode tragar. Tens visto aqui nesta casa o Felisberto?

Luísa – Tenho sim.

Jorge – Pois esse patife, que ninguém sabe do que vive, que não tem ofício nem benefício, que está todo o santo dia no Largo do Rocio, metido na súcia dos meirinhos, com o pretexto de ser primo de minha mulher entra por esta casa a dentro com toda a sem-ceremônia, sem dizer tir-te, nem guar-te; anda de um quarto para outro com toda a frescura, conversa-se em segredo com minha mulher e cala-se quando eu chego.

Luísa – E por que o sofre, mano? Não é você o homem desta casa? Até quando há-de ter medo de sua mulher?

Jorge – Medo? Pois eu tenho medo dela? (*Com riso forçado:*) É o que me faltava! O que eu tenho é prudência; não quero desbaratar...

Luísa, *à parte* – Coitado!

Jorge – Ele já veio hoje?

Luísa – Ainda não.

Jorge – Admira-me!

Cena IV

Felisberto e os mesmos

Felisberto, *entrando* – Vivório!

Jorge, *à parte* – Já tardava!

Felisberto, *para Luísa, sem dar atenção a Jorge* – Adeus, minha bela Luisinha. A prima Eufrásia está lá dentro?

Luísa, *secamente* – Está. (*Felisberto encaminha-se para sair pela direita, sem dar atenção alguma a Jorge.*)

Jorge, *seguindo-o* – Então assim se pergunta por minha mulher e vai-se entrando? (*Felisberto sai.*) E então? Queres-na mais clara? Que figura faço eu aqui? Que papel represento? (*Passeia agitado de um para outro lado.*)

Luísa, *seguindo-o* – Meu irmão, por que não fazes um esforço para saíres deste vexame em que vives? Cobre energia! Mostre que é homem! Isto é uma vergonha! Não se acredita! Que fraqueza!

Jorge, *parando* – É fraqueza?

Luísa – É, sim.
Jorge – Pois quero mostrar-te para que sirvo. Quero mostrar-te que sou homem e que nesta casa governo eu.
Luísa – Felizmente.
Jorge – Vou ensiná-las, botar este biltre pela porta a fora! Basta de humilhação! Vai tudo com os diabos! (*Caminha intrepidamente e a passos largos para a porta da direita, mas aí chegando, pára.*)
Luísa – Então, paras?
Jorge, *voltando* – Melhor é ter prudência. Tenho medo de fazer uma morte.
Luísa – Meu Deus, que fraqueza!
Jorge – E retiro-me, que não respondo por mim... e mesmo porque vou à botica buscar o sinapismo que minha sogra pediu. (*Sai.*)

Cena V

Luísa, só, e depois Mariana

Luísa – Isto contado não é crível! Ter um homem medo de sua mulher e de sua sogra a esse ponto! Ah, se eu fosse homem e tivesse uma mulher como esta!...
Mariana, *entrando* – Vai coser a renda da minha mantilha! (*Luísa sai. Mariana estará de vestido de riscado e saia de lila preta.*) Pague o que come! É um trambolho que eu tenho em casa. A boa jóia do meu genro julga que eu também devo carregar com a irmã. Está enganado; hei-de atrapalhá-la até que a desgoste para sair daqui. Arre!

Cena VI

Mariana e Sousa

Sousa, *entrando vestido de opa* – Bons dias, comadre.
Mariana - Oh, compadre Sousa, por cá?
Sousa – Ando no meu fadário, comadre. É preciso ganhar a vida. (*Põe a salva sobre a mesa.*)
Mariana – Isso é assim, compadre.
Sousa – E como já estou velho, escolho o ofício que mais me serve... Tiro esmolos.
Mariana – E as faz render, hem?
Sousa – Nada, comadre. Ganho só duas patacas por dia, que me paga o tesoureiro da irmandade para quem tiro esmola.
Mariana – Só duas patacas? Tão pouco, compadre?
Sousa – Eu podia fazer como grande parte dos meus companheiros, que tiram as esmolos para si, mas isso não faço eu; quisera antes morrer de fome. Dinheiro sagrado! Talvez a comadre zombe do que eu digo...
Mariana – Eu não, compadre.
Sousa – Porque consta-me que seu genro...
Mariana – Meu genro é um tratante.
Sousa – Há em todas as profissões velhacos que as descreditam.
Mariana – Não se importe com isso, compadre.
Sousa – Oh, eu vivo tranqüilo com minha consciência.
Mariana – Faz muito bem.
Sousa – Como vai a comadrinha? (*Aqui aparece à porta do fundo Jorge, que trará uma tigela na mão. Vendo Mariana e Sousa, pára e escuta.*)
Mariana – Vai bem, compadre. Só o diabo do marido é que lhe dá desgostos; é uma besta que meti em casa...
Sousa – Comadre, as bestas também se ensinam...
Jorge, *à parte* – Patife!
Mariana – Deixe-o comigo, compadre.

Sousa – A comadre é mãe e deve vigiar na felicidade de sua filha. Os maridos são o que as mulheres querem que eles sejam. Sou velho e tenho experiência do mundo. A comadrinha que não fraqueie, senão ele bota-lhe o pé no pescoço.

Jorge, *à parte* – Tratante!

Mariana – Isso lhe digo eu sempre, e ela o faz. Olhe, compadre, quanto a isso puxou cá à pessoa... O meu defunto não via bóia comigo...

Cena VII

Os mesmos e Felisberto

Felisberto – Adeus, tia; vou-me embora.

Mariana – Vem cá, rapaz.

Felisberto – O que quer?

Mariana – Ó compadre, você não achará um arranjo para este rapaz?

Sousa – Fraco empenho sou eu, comadre.

Felisberto – Não preciso de arranjo.

Mariana – É melhor trocar as pernas por essas ruas como um valdevinos, em risco de ser preso para soldado? Andar sempre pingando e sem vintém para comprar uma casaca nova? Vê como os cotovelos desta estão rotos, e esta calça, como está safada.

Felisberto – Assim mesmo é que eu gosto... É liberdade! Cada um faz o que quer e anda como lhe parece. Não nasci para me assujeitar a ninguém.

Mariana – Ai, que modo de pensar é esse? Então, compadre, não descobre nada?

Sousa – Eu? Só se ele quer também pedir esmolos, posso arranjar-lhe uma opa.

Mariana – Lembra muito bem. Ó sobrinhozinho, queres pedir esmolos?

Felisberto, *insultado* – Pois tia Mariana, acha que eu nasci para pedir esmolos? Isso é insultar-me! E o Sr. Sousa...

Sousa – Eu digo: no caso de querer...

Mariana – Estou vendo que nasceste para príncipe... Já te não lembras que teu pai era malsim?

Felisberto – Isto foi meu pai; eu não tenho nada com isso.

Sousa – Pedir para santos é uma profissão honesta.

Mariana – Que não desonra a ninguém. Veste-se uma opa, entra-se pelas casas...

Felisberto, *à parte* – Entra-se pelas casas...

Mariana - ... bate-se à escada, e se se demoram a vir saber quem é, assenta-se o homem um momento, descansa...

Felisberto, *embebido numa idéia, sem ouvir a tia* – Entra-se pelas casas...

Mariana - ... vem o moleque ou a rapariga trazer o vintenzinho...

Felisberto – Pois bem, tia, quero-lhe fazer o gosto; pedirei hoje esmola; até para ver se o ofício me agrada.

Mariana – Sempre te conheci muito juízo, sobrinhozinho. O compadre arranja-lhe a opa?

Sousa – Fica a meu cuidado.

Mariana – Muito bem. E dê-me licença, que vou acabar de me vestir. (*Sai.*)

Cena VIII

Sousa e Felisberto; [e depois Jorge.]

Felisberto, *à parte* – Não me lembrava que opa, às vezes, dá entrada até o interior das casas...

Sousa – Vamos?

Felisberto – Quando quiser. (*Encaminham para a porta do fundo; Jorge entra e passa por entre eles.*)

Sousa, *para Jorge, quando passa* – Um seu criado, Sr. Jorge. (*Jorge não corresponde o cumprimento e dirige-se para a porta da direita.*)

Felisberto, *voltando-se* – Malcriado! (*Jorge, que está junto à porta para sair, volta-se.*)

Jorge – Hem?
 Felisberto, *chegando-se para ele* – Digo-lhe que é um malcriado!
 Jorge, *com energia* – Isso é comigo?
 Felisberto – É sim.
 Jorge, *vindo para a frente da cena* – Há muito tempo que eu procuro esta ocasião para nos entendermos.
 Felisberto – Muito estimo. (*Arregaça as mangas da casaca.*)
 Sousa – Acomodem-se...
 Jorge – O senhor tem tomado muitas liberdades em minha casa.
 Felisberto – Primeiramente, a casa não é sua; e segundo, hei-de tomar as liberdades que bem me parecerem.
 Sousa – Sr. Felisberto!...
 Jorge – O senhor entra por aqui e não faz caso de mim?
 Felisberto – E que figura é o senhor para eu fazer caso?
 Sousa – Sr. Jorge!... (*Metendo-se no meio.*)
 Jorge – Chegue-se para lá; deixe-me, que estou zangado. O senhor fala com minha mulher em segredo, na minha presença...
 Felisberto – Faço muito bem, porque é minha prima.
 Jorge, *gritando e batendo com os pés* – Mas é minha mulher! E sabe que mais? É por consideração a ela que agora mesmo não lhe esmurro estas ventas. (*Sai com passos largos.*)
 Felisberto – Anda cá! (*Quer segui-lo; Sousa o retém.*)
 Sousa – Aonde vai?
 Felisberto, *rindo-se* – Ah, ah, ah! Não sei aonde foi a prima achar este côdea para marido. Tenho-lhe dito muitas vezes que é a vergonha da família.
 Sousa – É um homem sem princípios!
 Felisberto – Eu regalo-me de não fazer caso nenhum dele... (*Ouvem-se gritos dentro.*) Ouça, ouça! Não ouve esses gritos? É a tia e a prima que andam com ele às voltas. Ah, ah!
 Sousa – Deixa-lo, e vamos, que se vai fazendo tarde. (*Saem ambos, rindo-se.*)

Cena IX

Entra **Jorge** desesperado

Jorge – Os diabos que as carreguem, corujas do diabo! Assim não vai longe; desanda tudo em muita pancadaria. Ora cebolório! Que culpa tenho eu que o boticário se demorasse em fazer o sinapismo? É bem feito, Sr. Jorge, é bem feito! Quem o mandou ser tolo? Agora agüente... (*Gritos dentro.*) Grita, grita, canalha, até que arreentem pelas ilhargas! Triste sorte... Que sogra, que mulher! Ah, diabos! Maldita seja a hora em que eu te dei a minha mão; antes te tivesse dado o pé, e um couce que arreentasse a ti, a tua mãe e a toda tua geração passada e por passar. É preciso eu tomar uma resolução. A mana Luísa tem razão; isto é fraqueza. Vou ensinar àquelas víboras! (*Diz as últimas palavras caminhando com resolução para a porta; aí aparece Eufrásia e ele recua.*)

Cena X

Jorge e Eufrásia

Eufrásia – Quem é víbora? (*Eufrásia caminha para ele, que vai recuando.*)
 Jorge – Não falo contigo... (*Recua.*)
 Eufrásia, *seguindo-o* – Quem é víbora?
 Jorge, *recuando sempre, e encosta-se no bastidor da esquerda* – Já disse que não falo contigo!
 Eufrásia, *junto dele* – Então quem é? Sou eu? Fala!
 Jorge, *querendo mostrar-se forte* – Eufrásia!...
 Eufrásia – Qual Eufrásia! Sou um raio que te parta!...
 Jorge – Retira-te! Olha que te perco o respeito!

Eufrásia, *com desprezo* – Pedaco de asno!
Jorge – Pedaco de asno? Olha que te... (*Faz menção de dar uma bofetada.*)
Eufrásia *volta para trás, gritando* – Minha mãe, minha mãe!
Jorge, *seguindo-a* – Cala-te, demônio!
Eufrásia, *junto à porta* – Venha cá!

Cena XI

Mariana e os mesmos

Mariana, *entrando com um pano de sinapismo na mão* – O que é? O que é?
Jorge, *recuando* – Agora sim!
Eufrásia – Sô Jorge está-me maltratando!
Mariana – Grandíssssimo sacripante!
Jorge – Sacripante?
Eufrásia – Deu-me uma bofetada!
Mariana – Uma bofetada na minha filha?
Jorge *atravessa por diante de Mariana e chega-se, rancoroso, para Eufrásia* – Dei-te uma bofetada,
hem?
Mariana, *puxando-o pelo braço* – Que atrevimento é esse, grandíssssimo patife?
Jorge, *desesperado* – Hoje aqui há morte!
Eufrásia – Morte! Queres-me matar?
Mariana – Ameaças, grandíssssimo traste?
Jorge, *para Mariana* – Grandíssssima tartaruga!
Mariana – Tartaruga! A mim?
Eufrásia, *puxando-lhe pelo braço* – Insultas a minha mãe?
Jorge, *para Eufrásia* – Grandíssssima lampreia!
Eufrásia – Que afronta! Ai, ai, que morro... (*Vai cair sentada em uma cadeira e finge-se desmaiada.*)
Jorge – Morre, arrebenta, que te leve a breca! (*Quer sair; Mariana o retém pela opa.*)
Mariana – Tu matas minha filha, patifão, mas eu hei-de arrancar-te os olhos da cara...
Jorge – Largue a opa!
Mariana - ... encher essa cara de bofetões!
Jorge – Largue a opa!
Mariana – Pensas que minha filha não tem mãe?
Jorge – Largue a opa!
Mariana – Pensas que eu hei-de aturar a ti, e a lambisgóia da tua irmã?
Jorge, *com raiva* – Senhora!...
Mariana – Queres-me matar também, mariola?
Jorge, *cerrando os dentes de raiva e metendo a cara diante da de Mariana* – Senhora!... Diabo!...
Mariana – Ah! (*Dá-lhe com o pano de sinapismo na cara. Jorge dá um grito de dor, leva as mãos à cara e sai gritando.*)
Jorge – Estou cego! Água, água!... (*Sai pelo fundo. Mariana desfecha a rir às gargalhadas, e o mesmo faz Eufrásia, que se levanta da cadeira. Conservam-se a rir por alguns instantes, sem poderem falar. Luísa aparece à porta.*)
Eufrásia – Que boa lembrança! Ah, ah!
Luísa, *à parte* – O que será?
Mariana – Que bela receita para maridos desavergonhados! Ah, ah!
Eufrásia – Já não posso rir-me... Ah, ah!
Mariana – Que cara fez ele (*Vendo Luísa:*) O que queres?
Luísa, *tímida* – Eu...
Mariana – Bisbilhoteira! Vai buscar minha mantilha e o leque de tua cunhada! (*Luísa sai.*)
Eufrásia – Já sei o remédio daqui por diante.
Mariana – Sinapismo nele.
Eufrásia – Mas não vá ele ficar cego.

Mariana – Melhor para ti! (*Entra Luísa com uma mantilha na mão e um leque, que entrega a Eufrásia.*) Dá cá; não podias trazê-la sem machucar? Desazada! (*Põe a mantilha sobre a cabeça.*) Vamos que vai ficando tarde. Iremos primeiro a S. Francisco, que está aqui pertinho. (*Para Luísa:*) E tu, fica tomando conta na casa, já que não tens préstimo para nada... Pague o que come; não sou burra de ninguém. Vamos, menina.

Cena XII

Luísa e depois Tibúrcio

Luísa, *só* – Não tenho préstimo... Sempre insultos! Sou a criada de todos nesta casa. Vou pedir ao mano que me meta no Convento da Ajuda.

Tibúrcio, *dentro* – Esmola para missas das almas.

Luísa – Quem é? (*Tibúrcio aparece à porta, vestido de irmão das almas.*)

Tibúrcio – Esmola para missas das almas.

Luísa, *sem o reconhecer* – Deus o favoreça!

Tibúrcio – Amém. (*Adianta-se.*)

Luísa – O senhor o que quer?

Tibúrcio – Deus me favorece...

Luísa – O senhor Tibúrcio!

Tibúrcio – Ele mesmo, que morria longe de ti.

Luísa – Vá-se embora!

Tibúrcio – Cruel, que te fiz eu?

Luísa – Não fez nada, mas vá-se embora.

Tibúrcio – Há oito dias que não te vejo. Tenho tanto que te dizer... Oito dias e oito noutes levei a passar pela tua porta, e tu não me aparecias; até que tomei a resolução de vestir esta opa para poder entrar aqui sem causar desconfiança. Seremos felizes; nossa sorte mudou. (*Põe a bacia sobre a mesa.*)

Luísa – Mudou?

Tibúrcio – Bem sabes que há muito tempo que ando atrás de um lugar de guarda da Alfândega, e que não tenho podido alcançar; mas agora já não preciso.

Luísa – Não precisa?

Tibúrcio – Comprei uma cautela de vigésimo, na “Casa da Fama”, do Largo de Santa Rita, e saiu-me um conto de réis.

Luísa – Ah!

Tibúrcio – Vou abrir um armarinho. Agora posso pedir-te a teu irmão.

Luísa – Não, não, não pode ser!

Tibúrcio – Não queres ser minha mulher? Terás mudado? Ingrata!

Luísa – Não posso, não posso! Meu Deus!

Tibúrcio – Ah, já sei, amas outro. Pois bem; casa-te com ele. Quem o diria?

Luísa, *chorando* – Escuta-me...

Tibúrcio – Não tenho que escutar. Vou-me embora, vou-me meter em uma das barcas de vapor da Praia Grande, até que ela arrebente... (*Falsa saída.*)

Luísa – Quanto sou infeliz!

Tibúrcio, *voltando* – Ainda me amas?

Luísa – Ainda.

Tibúrcio – Então por que não queres casar comigo?

Luísa – Oh, acredita-me, é que eu não devo...

Tibúrcio – Não deves? Pois adeus, vou para o Rio Grande. (*Falsa saída.*)

Luísa – Isto é um tormento que eu sofro!

Tibúrcio, *voltando* – Então, queres que eu vá para o Rio Grande?

Luísa – Bem sabes quanto eu te amava, Tibúrcio; tenho disto te dado provas bastantes, e se...

Tibúrcio – Pois dá-me a única que te peço: casa-te comigo. Ah, não respondes? Adeus, vou para Montevidéu. (*Sai pelo fundo.*)

Luísa, *só* – Nasci para ser desgraçada! Eu seria tão feliz com ele; mas é pedreiro-livre... Foi bom que ele se fosse embora. Eu não poderia resistir...

Tibúrcio, *aparecendo à porta* – Então, queres que eu vá para Montevideú?
Luísa – Meu Deus!
Tibúrcio, *caminhando para frente* – Antes que eu parta desta terra ingrata; antes que eu vá afrontar esses mares, um só favor te peço, em nome de nosso antigo amor. Dize-me, por que não queres casar comigo? Disseram-te que eu era aleijado, que tinha algum defeito oculto? Se foi isso, é mentira.
Luísa – Nada disso me disseram.
Tibúrcio – Então por que é?
Luísa – É porque... (*Hesita.*)
Tibúrcio – Acaba, dize...
Luísa – Porque és... pedreiro-livre. (*Benze-se.*)
Tibúrcio – Ah, ah, ah! (*Rindo-se às gargalhadas.*)
Luísa – E ri-se?
Tibúrcio – Pois não me hei-de rir? Meu amor, isto são caraminholas que te meteram na cabeça.
Luísa – Eu bem sei o que é. Falas com o diabo à meia-noite; mata as crianças para lhes beber o sangue; entregaste tua alma ao diabo; frequenta as...
Tibúrcio, *interrompendo-a* – Ta, ta, ta! O que aí vai de asneiras! Não sejas pateta; não acredite nestas baboseiras.
Luísa – Baboseiras, sim!
Tibúrcio – Um pedreiro-livre, minha Luísa, é um homem como outro qualquer; nunca comeu crianças nem falou com o diabo à meia-noite.
Luísa – Visto isso, não é verdade o que te digo?
Tibúrcio – Qual! São carapetões que te meteram nos miolos para talvez te indisparem comigo. A maçonaria é uma instituição...
Luísa – Dá-me a sua palavra de honra que nunca falou com o diabo?
Tibúrcio – Juro-te que é sujeitinho com quem nunca me encontrei.
Luísa – Hoje ouviu missa?
Tibúrcio – Nem menos de três.
Luísa – Ah, que peso me tiraste do coração!
Tibúrcio – Consentes que eu fale a teu mano?
Luísa, *vergonhosa* – Não sei...
Tibúrcio, *beijando-lhe a mão* – Malditos tagarelas, que iam-me fazendo perder este torrão de açúcar! Minha Luísa, nós seremos muito felizes, e eu te...
Mariana, *dentro* – Devagar, devagar, que não posso.
Luísa, *assustada* – É D. Mariana!
Tibúrcio – Vou-me embora!
Luísa – Não, não, que o podem encontrar no corredor! Minha cunhada o conhece... Esconda-se até que elas entrem, e depois saia!
Tibúrcio – Mas aonde?
Luísa – Neste armário. (*Tibúrcio esconde-se no armário, deixando a bacia sobre a mesa.*)

Cena XIII

Entra **Mariana**, apoiada nos braços de **Eufrásia** e de **Sousa**

Mariana – Ai, quase morri... Tira-me esta mantilha. (*Luísa tira-lhe a mantilha.*) Ai! (*Senta-se.*)
Muito obrigada, compadre.
Sousa – Não há de quê, comadre.
Eufrásia – Acha-se melhor, minha mãe?
Mariana – Um pouco. Se o compadre não estivesse lá à porta da igreja para tirar-me do aperto, eu morria, certamente.
Sousa – Aquilo é um desaforo!
Mariana – É assim, é. Ajuntam-se esses brejeiros nos corredores das catacumbas para apertarem as velhas e darem beliscões nas moças.
Sousa – E nos rasgarem as opas e darem caçoletas.
Eufrásia – É uma indecência!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

